

ESTRATIGRAFIA E GEOLOGIA ESTRUTURAL DA SERRA DE BURITIRAMA, NORTE DO DOMÍNIO CARAJÁS, SUDESTE DO PARÁ

Salgado, S.S.¹; Caxito F.A.¹

¹Centro de Pesquisas Manoel Teixeira da Costa, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais
(CPMTC-IGC-UFMG)

A Serra de Buritirama estende-se na direção NW-SE por cerca de 40 km no limite norte do Domínio Carajás (3000-2500 Ma), especificamente em sua zona de contato com o Domínio Bacajá (2600-2070), borda leste do cráton Amazônico, sudeste do Pará. A análise de dados geológico-estruturais coletados em campo, em conjunto à avaliação de sondagens exploratórias realizadas ao longo da serra, permitiu sua individualização em três unidades tectono-estratigráficas, a saber: (1) Unidade Inferior (UI) – é constituída por um quartzito basal com cerca de 200 m de espessura, seguido pela intercalação entre rochas silicáticas (e.g. Quartzo – Microclínio – Plagioclásio – Biotita Xisto) – carbonato-silicáticas (e.g. Piroxenóide – Plagioclásio – Flogopita – Carbonato – Clinopiroxênio Paragneisse) e cálcio-silicáticas (e.g. Flogopita – Quartzo – Microclínio – Plagioclásio – CPX Paragneisse). Uma zona de cisalhamento destrógrira define o contato de base entre a unidade e gnaisses-migmatíticos possivelmente pertencentes ao Complexo Xingu. Os maiores mergulhos da foliação metamórfica (Sn) e/ou do bandamento metamórfico (Bn) identificados na serra ocorrem nesta porção e giram em torno de 70° para NE; (2) Unidade Mineralizada (UM) – consiste em uma camada de mármore impuro, rico em rodocrosita, com aproximadamente 40 m de espessura, que transiciona para rochas carbonato-silicáticas e cálcio-silicáticas em direção ao topo. O depósito manganífero supergênico presente na serra origina-se com o intemperismo deste horizonte; (3) Unidade Superior (US) – é formada por um quartzo-mica xisto/quartzito basal sucedido por rochas carbonato-silicáticas e cálcio-silicáticas indiferenciadas. Esta unidade não pode ser caracterizada em maiores detalhes devido à ausência de afloramentos e sondagens. Cavalgamentos dúcteis vergentes para SW definem o contato basal da UM e os contatos basal e de topo (estabelecido possivelmente com o complexo Xingu) da US. Diques e sills pegmatíticos e diabásios, ambos indeformados, cortam todas as unidades. Destacam-se três fases principais de deformação: Fase D1 – consiste em uma fase dúctil, marcada por um cisalhamento de baixo ângulo e pelo desenvolvimento de Sn (por vezes milonítica), com máximo modal 25/30, plano axial de dobras isoclinais (F1_A), por sua vez, redobradas em dobras suaves (F1_B; eixo NW-SE e plano axial vergente para SW); Fase D2 – representa uma fase rúptil, marcada pelo desenvolvimento de retro-cavalgamentos cuja propagação dos planos constitui o padrão de dobramentos F2 (eixo com orientação NW-SE e plano axial vergente para NE); Fase D3 – de natureza extensional, marcada por falhas normais com orientação NW-SE e NE-SW. As informações apresentadas são parte de um conjunto de atividades que vêm sendo desenvolvidas na Serra de Buritirama e sugerem que as rochas metamórficas que estruturam a serra representam sedimentos depositados em uma margem passiva, encerrada e transportada rumo à SW durante o evento compressional Transamazônico. A estrutura transcorrente destrógrira presente na base da serra pode ser atribuída a uma tectônica transcorrente pretérita, impressa exclusivamente no embasamento. Dobras de arraste identificadas na UI sugerem que a referida transcorrência possa ter sido reativada de forma sinistrógrira. Possivelmente, a transcorrência presente no complexo Xingu atuou como um anteparo no transporte das rochas metassedimentares rumo a SW, e é responsável pelo soerguimento estrutural da base da serra.

PALAVRAS-CHAVE: BURITIRAMA, CARAJÁS, TRANSAMAZÔNICO